

## 1. Quando o relâmpago fala, ele diz escuridão.

Numerosas mitologias e cosmologias atribuem valores semânticos ao relâmpago. Os raios são sinais. Eles prenunciam e anunciam tempestades iminentes. As suas formas denticuladas mas gráficas solicitam interpretação. Constituindo uma caligrafia muda, por vezes alusiva da escrita islâmica, são notações estenográficas de uma claridade ofuscante e de um silêncio enigmático (até mesmo o clarão mais aterrador não produz ruído). O relâmpago parece ainda mais ameaçador quando *não* é seguido pelo ribombar do trovão: o clarão do calor sobre um mar em si demasiado calmo. O relâmpago é por vezes comparável ao caçador: a bola de fogo varre a casa ou deixa o viajante pregado ao solo da charneca, o menos cauteloso buscando refúgio debaixo de uma árvore. Serão estas setas brancas ou azul-turquesa a prerrogativa assassina de Zeus? Do patriarca vulcânico no Sinai? Hoje é possível produzir em laboratório arcos elétricos de alta voltagem. O poeta (Hölderlin) sabe que poderá, com risco da própria vida, tentar aprisionar o relâmpago nas suas mãos abismadas.

Mas muito mais se encontra aqui implícito. Atentem na distinção entre “falar” e “dizer”. A enunciação não garante a significação. Todas as formas e códigos, sejam orgânicos ou construídos, podem comunicar informação, podem suscitar emoção. A nossa própria existência é um ato de leitura contínua do mundo, um exercício em decifração, em interpretação no interior de uma câmara de eco, cujo volume de mensagens, de entradas semióticas, é incomensurável. Porém, isto não implica necessariamente inteligibilidade. Não assegura necessariamente sentido, com todo o seu potencial e a sua concessão à paráfrase e à traduzibilidade. Neste aforismo, o relâmpago articula. Teria Epicarno lido Heraclito? Teria ele conhecimento da fenomenologia zoroastriana do fogo significante? O relâmpago “dá sentido” — a proeza é um tanto surpreendente. Como ouvimos nós o seu silêncio? A metáfora implícita de um “ouvido interno”, de uma mudez eloquente, pode ser pertinaz. Proposições por expressar não têm nada de místico. Pensem nos intervalos na música, no papel dos espaços em branco em certos poemas ou quadros modernos mais relevantes. Poetas e filósofos, como Keats ou Wittgenstein, insistem em que a essência do seu propósito reside no indizível, naquelas “melodias inaudíveis”, ou que se encontram nas entrelinhas. Pensem na expressão “um silêncio ensurdecidor”. Ou nas sereias de Kafka, cuja ameaça reside em não cantarem.

Como deveremos então ler este fragmento?

Desde o início, a filosofia grega debate-se com o paradoxo fecundo da negação. Afirmar que uma coisa existe é também postular que ela poderá não existir. Definir

o que é, é necessariamente afirmar o que não é. Toda a substância se encontra entretecida com o nada, com o lado escuro da Lua. Mas poderá o nada ser pensado ou dito? Parmênides inaugura a metafísica ocidental com esta investigação, simultaneamente lógica e ontológica, gramatical e substantiva. (Haverá existência fora da gramática?) Haverá um buraco negro no centro do ser? O que não pode ser conceptualizado não pode ser dito; o que não pode ser dito não pode ser. Ao que os sofistas ripostam, afirmando que a própria legitimidade e inteligibilidade da questão valida o estatuto de “nada”; que o zero tem um papel fundamental no cálculo (embora o “zero” seja em si uma ferramenta posterior). A dialética hegeliana retorna aos primórdios da racionalidade. A predicação tem significado precisamente porque nos diz o que *não é* o objeto. Magritte dará uma formulação irônica a este postulado: “Isto não é um Cachimbo.” Para Martin Heidegger, o nada, *das Nicht*, é o abismo cardinal, essencial à inquietação humana, e a fonte misteriosa do pensamento.

O clarão do relâmpago, a descarga da sua irradiação, manifesta-se simultaneamente a si mesmo e à escuridão circundante. Ele torna a noite visível, do mesmo modo que o som delinea o silêncio. Na plenitude da luz do Sol, no calor branco do meio-dia mediterrânico, o relâmpago não se manifesta. Não poderá tornar-se perceptível. A sua matriz é a negritude das nuvens carregadas de trovoadas ou da noite. É assim que ele revela; assim que “ele fala” escuridão. Ele ateia, por assim dizer, fogo à contraditoriedade.

A ambiguidade prende-se às suas funções oraculares e emblemáticas. O relâmpago pode assinalar, pode augurar a fortuna, a vitória na batalha iminente. Ele é o mensageiro de Zeus junto do comandante de campo, junto do marinheiro no mar. Mas também pode anunciar a catástrofe e a ira olímpica. Para aqueles que conspiram contra César, ele é “uma tempestade chovendo fogo”, um sintoma aterrador de “guerra civil no firmamento”\*. “Dizer escuridão” pode ser a expressão de um presságio enigmático, de uma profecia de agouro incerto ou escarnecedor. Pode ser a declaração de um revés, o cair da noite nos nossos assuntos. Qualquer que seja o código, a sua dualidade é inescapável. Juntamente com Heraclito e os poetas, Epicarno sabe que não pode haver luz sem escuridão, nem escuridão sem luz. Teríamos nós a metafísica sem aquele repentino sobrevir da noite sobre a Jónia e aquela torrente de estrelas?

A cosmogonia, as conjecturas sobre a gênese humana vêm acrescentar uma outra dimensão. O relâmpago desencadeia a matéria primordial, o barro do oleiro, induzindo a vida. O relâmpago desperta os elementos inertes ou adormecidos, insuflando-os de vitalidade orgânica. Vejam Frankenstein. Mas também os modelos ou as narrativas de criação da bioquímica moderna. Tempestades elétricas de uma voltagem e duração impensáveis poderão ter provocado o dealbar das interações e combinações moleculares. O relâmpago pode ter engendrado a vida na Terra. Experiências em laboratório estiveram

\* As citações são de William Shakespeare, *Júlio César*, Ato I, Cena III.

muito próximo de conseguir simular este processo, de introduzir\* em estruturas orgânicas fragmentos de magma e espuma, gotículas de água com o seu hidrogénio essencial.

Porquê então a enunciação da escuridão no nosso fragmento? Será porque a existência é uma bênção compósita, porque ela causa uma rutura trágica com a paz do inerte, ou porque a história humana é feita de uma dissipação e de um sofrimento incomensuráveis? “O nosso destino é a escuridão.”\*\* Ou significará isto forçar um texto arcaico, possivelmente estoico, para dele extrairmos uma intimação pós-paulina de catástrofe? A meia-noite é de veludo ao largo de Salamina ou do cabo Sunião. Do cabo até ao horizonte, os relâmpagos desenharam um arco. Eis que agora as trevas brilham e, antes do epílogo do ribombar do trovão, as constelações encontram-se iluminadas de uma forma incomparável.

## 2. Amizade, assassina do amor.

Conhecemos a valorização transcendental e o papel da amizade, a *philia*, na sensibilidade clássica. A amizade é a bonificação da existência humana, a sua recom-

\* *Irradiate*, no original. Por motivos de clareza, optámos por traduzir pelo verbo “introduzir”.

\*\* No original, “We are for the dark” (William Shakespeare, *António e Cleópatra*, Ato V, Cena II).